

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.599

Quarta-feira, 13 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de impressão—Rua da Atalaya, 114 e 115

O Progresso não pode realizar-se sem Liberdade. A ditadura, atentando contra a Liberdade, é um agente de retrocesso

PELA LIBERDADE CONTRA A TIRANIA!

Ha neste momento em Portugal quem medite dar, sobre o corpo esquelético do povo, um sanguinário salto de tigre!
A podridão atrai os corvos e os alibutres. Aves agourentas pairam no ambiente prontas a descer sobre o país moribundo.
O abutre é veloz no seu vôo e rápido na descida sobre a sua presa. O horizonte está taldado pela sombra das aves de rapina.
O bando é pequeno, mas voraz. É preciso afugentá-lo com decisão, porque já anda perto e baixo.
A vida do povo resume-se agora em dois instantes:
O de desânimo, que é a morte; o de revolta, que é a vida na sua exuberância máxima
O povo tem de decidir-se por um desses dois instantes:

De um nascerá a férrea Tirania; de outro, a rutilante Liberdade!

CONTRA A DITADURA

Tôdas as consciências livres devem preparar-se para resistir à ameaça da violência e do crime

A reacção militarista desencadeada pela guerra, a exaltação mirífica do supremo poder da força bruta, exaltou diabólicamente a ideia de cabeça e animou a ideia de durandaneia que por uma questão de conservação pessoal, prudentemente se absteram de luzir na Flânder ou nas plagas africanas. Como os gatos que delatam na sombra as pupilas assim estão as ambições de muitos imbecis que na sombra espreitam ocasião para espelhar todos os que amam a liberdade.

Os ditadores veem, aos cardumes de todos os lados. Há-os que filharam politicamente e semestralmente se dem a lição rendendo-se a maior lance; há-os que desejam passar das emoções da roleta às emoções do poder há-os que querem sair da chavena de café do Martinho, para beber o sangue no país, no Terreiro de Paços, há-os que querem crime e que querem arrear a penitenciar transformando-se em perseguidores e inquisidores; há-os que mostram a dentada em sorrisos dum requêbra de família; desde os que manejam os sonetos aos que manejam as navilhas. São como dissemos aos cardumes. Há famílias inteiras pelejando num palpite pela ditadura como pelejavam nos campestes pela vinda da sorte grande. Ricos, pobres, uns imbecis outros ambiciosos, todos. Uns são monárquicos por dentro e republicanos por fora, outros são republicanos por dentro e monárquicos por fora. Outros nem são republicanos, nem monárquicos. São apêlites em perspectiva de grande banquete. Há os que tem fero como os cães, manha como as rapozas, agilidade como os macacos.

CAMPEIA A IMORALIDADE

Os serviços do Estado

Ainda o sr. Câmara Pestana — O ministro da Agricultura processa "A Batalha" por ter publicado verdades

Ainda a propósito das referências feitas ao sr. Câmara Pestana, temos hoje bastante que dizer. Depositando confiança nas pessoas que nos procuraram, promittendo-nos antes de entrar o resultado de mais profundas investigações que fizemos, a publicar um formal desmentido às nossas primitivas afirmações. Hoje, tendo nas mãos o resultado dessas investigações, verificamos que elas não condizem com o que os amigos do sr. Câmara Pestana nos contaram, e confirmam, mais ou menos, o que primeiro publicamos.

Eis o resultado das investigações, que publicamos sem comentários, severamente, sem paixão:

O ministério da Agricultura foi criado em fevereiro de 1913, sendo nomeado seu primeiro ministro, o sr. secretário de Estado, como então se chamavam estes senhores, um delegado da alta lavoura, o dr. Fernandes de Oliveira. Até a criação do ministério existia apenas a Direcção Geral da Agricultura, de que era director geral o sr. Câmara Pestana, que fazia parte do ministério do Fomento. A referida Direcção Geral tinha os seguintes serviços: agrícolas, florestais, pecuários e de crédito agrícola que até 1918 boz conta deram de si, tanto sob a Direcção do sr. Câmara Pestana como na dos seus antecessores, obra que até hoje não foi igualada nem imitada pelo ministério que foi criado e vive ainda hoje.

Nascendo, portanto, o ministério da Agricultura da desaparecida Direcção Geral da Agricultura e cujos serviços se prestaram para criar nove (9) direcções gerais, uma inspecção geral, uma secretaria geral e a Inspecção de Patologia Vegetal, onde, em Maio de 1918, foi colocado o sr. Câmara Pestana, para não ficar sob a dependência dos futuros directores, seus antigos subordinados, criando-se uma repartição para esse fim, que foi a Inspecção de Patologia Vegetal, dando-se-lhe a situação de director geral adido — que ainda hoje mantém — desempenhando as funções de inspector.

Do serviço desta inspecção, cuja sede oficial era em Lisboa, foram desde logo postos oito funcionários, sendo quatro agrónomos, um 3.º official, dois aspirantes, uma dactilógrafa e um servente, quadro que constantemente era aumentado com novos funcionários que

crime que se promedia. As ideias dos partidários da ditadura não vão além do curso livre dos seus instintos.

Pega-se na imprensa amordaçada. De sentença uma censura militar.

Os sindicatos operários, encerram-se. A C. G. T. dissolve-se. Os militantes operários entram na cadeia de passagem para a costa de África. Se operários se lançarem numa greve cercados de tropa, disparam, agredem, ferem, prendem, matam. Desaparece por um decreto a questão social. Os operários tem de se curvar aos patrões e os patrões deixam cair livremente, cinicamente, sobre os operários, a cinza dos charutos e o peso afrontoso do sua infinita exploração.

Os direitos da inteligência, suprimem-se. Quem for inteligente ou é pela ditadura ou não come pão e perde a liberdade. A liberdade de reunião suprimem-se e todas as reuniões que no primeiro tempo pela ditadura, dissolvem-se pela violência. A liberdade do pensamento cessa. Ou se pensa favoravelmente à ditadura ou se não pensa. Haverá quem tenha a veleidade de pensar contra a ditadura? Cadeia.

Esta é a parte clássica do programa. Prisões, chibatadas, lareiras na desolação, no sofrimento e na miséria, CO terror governando todos — e todos sofrendo o terror.

Contra este crime devemos, sem demora, erguer-se, a protestar todos os que não tem alma de escravo, e que não estão dispostos a oferecer o seu sangue, a sua liberdade e a sua vida, às ambições torvas dos degenerados e dos aviltados que preparam a ditadura.

ANTE A AMEAÇA! A C. G. T.

dirige-se ao proletariado do país
CAMARADAS:

Tendo o Conselho Confederal do Trabalho, na sua reunião de ontem apreciado o grave perigo que impende sobre a Liberdade do povo trabalhador, em virtude dos maneios reaccionários dum grupo de aventureiros que pretende estabelecer uma ditadura odiosa, e reconhecendo indispensável o mais vibrante e decisivo protesto para evitar o traíção ao atentado, resolveu que o Comité Confederal fizesse, para esse efeito, o chamamento immediato de toda a classe trabalhadora.

Em harmonia com as resoluções do Conselho, o Comité Confederal apressa-se a fazer sentir a todos os organismos operários a necessidade de se prepararem e de estarem atentos para agir com a energia e a decisão que as circunstâncias exigirem.

O COMITÉ CONFEDERAL

NOTAS & COMENTARIOS

Um paraíso

Segundo nos informam, no hospital de S. José, o dr. sr. Alberto Mendonça, médico militar, é uma espécie de ditador da enfermaria Lourenço da Luz. Ameaça toda a gente e não tem para os doentes aquele carinho que tanta vez supre a própria ciência. O pessoal é vítima das suas constantes cóleras. Um dia destes, a criada Maria das Dóres foi agredida pelo referido facultativo que lhe arremessou contra o peito um pedaço de papel. Para quem tem de servir ou ser internado por doença, um médico assim transforma um hospital num verdadeiro paraíso...

Duplicidade?

Escreve-nos Carlos de Araújo manifestando a sua concordância com as críticas publicadas neste jornal acerca do ultimo livro de M. Manoel Ribeiro "Resurreição". Pedem-nos também para manifestarmos o seu protesto contra a atitude de Manoel Ribeiro que pretende colaborar em vários jornais integrados nas correntes revolucionárias. Afirma-nos que Manoel Ribeiro não pode harmonizar a revolução social com a igreja e que desde que renegou determinados princípios revolucionários não possui autoridade moral para colaborar em jornais que os defendem.

De aguilhão

No Entroncamento encontra-se para instrução de recrutas um destacamento de sapadores de caminho de ferro. O capitão Vilar desse destacamento, dá instrução militar, empunhando um aguilhão. É fácil de prever que esse official, se proceda cruelmente para com os soldados e não é de admirar, que há dias, um deles fosse agredido brutalmente com um cavallo maquele destacamento, estão igualmente os bois e são como estes tratados o aguilhão.

Este sr. capitão Vilar é mais uma demonstração. Frisante da bela e fraternal escola de virtudes que é o militarismo.

O câmbio

O governo está conseguindo grandes resultados com o seu fenomenal plano compressivo de despesas. Conseguiu arrancar do parlamento uma autorização para comprimir a vintadinha e de tal modo o faz que já nomeou a pretexto da inspecção de câmbios, novos funcionários. E enquanto aumentam os funcionários da inspecção de câmbios, a libra pula loucamente, subindo de 149 escudos.

E ainda haverá quem acredite em medidas salvadoras de governos sejam "democráticos", nacionalistas, monárquicos ou... Alvaro de Castro?

A GREVE DE CEZIMBRA

Salvemos das inclemências os filhos dos grevistas!

Uma calúnia vilíssima dos armadores!

Continua a heroica resistência dos marítimos de Cezimbra contra os armadores que mantem ferozmente o seu propósito de lhes negar a justiça das modestíssimas reclamações que formularam.

Não contentes em pretender reduzir pela fome o justo movimento dos seus explorados ainda pretendem embarçal-o e aniquilá-lo com maneios vis e calúnias. O gesto de solidariedade que o proletariado ia prestar aos seus irmãos de Cezimbra, desconcertou-os e aterrou-os momentaneamente. Saídos que foram da desagradável surpresa que essa bela atitude do proletariado lhes causou imaginaram um ardil para neutralizar os seus poderosos e eficazes eleitos. Se o pensarem, melhor o executarão.

Os armadores andaram espalhando insistentemente por Cezimbra que a Federação Marítima esperava as crianças dos pescadores em Lisboa, para se servir delas como seguro instrumento capaz de sentimentalizar a população desta cidade. Os armadores não trepidaram um momento em espalhar a torpe calúnia de que a Federação Marítima faria as crianças, percorrer as ruas de Lisboa, pedindo esmola para sustentar o movimento em que os seus pais se lançaram.

A Federação Marítima, como de resto todas as organizações proletárias sempre se manifestaram contrárias a semelhantes processos. Pretende-se e pretende-se ainda a semelhança do que se fez com as crianças da Cova, auxiliar os grevistas cuidando-lhe carinhosamente os filhos.

Os camaradas que tomaram conta dos filhos dos marítimos de Cezimbra, tratá-los-hão com o carinho igual ao que tratariam os seus próprios filhos.

Pretende-se poupar as crianças às inclemências que mau grado a vontade dos pais terão de suportar devido às circunstâncias económicas em que se encontram. Este gesto além de ser uma manifestação de humano sentimento é também um gesto de solidariedade prestado pelos proletários conscientes, aos seus irmãos em sofrimento, os marítimos de Cezimbra.

Os armadores que são criaturas completamente destituídas de escrúpulos não hesitam em maisar as intenções deste nobre gesto. Mostraram com a sua calúnia que são também destituídos de sentimentos de humanidade pois deixam que as crianças não deixem de passar as maiores privações sem delas com os seus sofrimentos quebrantarem a re-

sistência dos pais para que estes ponham fim ao movimento.

Nenhum resultado, porém, hão de obter com a sua indigna manobra.

Os armadores andam também procurando lançar no desânimo as mulheres dos grevistas insinuando-lhes de que os seus companheiros não se retomarem, dentro em breve o trabalho, ficarão irremediavelmente perdidos.

Entre outros, ofereceram-se para tomar conta das crianças de Cezimbra os seguintes camaradas:

Clarimundo de Aguiar, António Henriques, Eduardo de Aguiar, João Manso, José Pedro, Manuel Marques, Mário Correia da Silva, José Soares, Júlio Dias Afonso, Francisco Rodrigues Loureiro, Manuel de Assunção Correia, José Jesus Gabriel, Reinaldo Ferreira.

A Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa põe os seus "gasolinas" à disposição da Federação Marítima para transporte das crianças e para os delegados dos organismos que as desejem ir esperar a Almada. O transporte das crianças de Cezimbra para Almada será feito em camións.

Em Cezimbra, um *chauffeur* tomou duas crianças a seu cargo e um estofador contribui todas as semanas com um dia de trabalho para os grevistas.

MAGISTER DIXIT

Com a descida da libra coincide o acréscimo da carestia do pão e dos artigos de 1.ª necessidade

Para grandes males grandes remédios — Duas receitas num pé só e agite quando usar! —

Pela minha revolta perfeitamente justificada, avalio bem a revolta de tantos milhares doutros chefes de família que se encontram nas minhas circunstâncias e ainda a revolta daqueles cuja existência é ainda mais insuportável que a minha.

De conformidade com a lei, ainda em vigor, criaram-se dois tipos de pão inferior e um outro tipo denominado de luxo.

Havia, por conseguinte, um tipo, que era o mais inferior de todos e que se vendia à razão de tratorze tostões o quilo, escandalosamente roubado no peso, além de ser intragável.

O outro tipo, a deztoit tostões, na padaria, ainda se mantém e, exceptuando o tal tipo de luxo, é o único que se encontra à venda.

Fala-se agora na criação dum tipo único, o qual, a julgar pelos precedentes, será uma verdadeira mixórdia semelhante ao pão de terceira que se tem fabricado e com o qual se tem enriquecido a Moagem, envenenado e roubado, ao mesmo tempo, a população de Lisboa.

Qual será, porém, o preço desse tipo único, em projecto, mas que, seguramente, teremos que suportar, mais dia menos dia?

Adoptado ou permitido esse novo tipo único de pão, de dois litros que não tardará muito que ele seja de tal faga que não possa tragar-se.

Assim, pois, e vendido por um preço exorbitante e tam depressa a mixórdia seja consumida, imediatamente se voltará ao regime anterior dos dois ou três tipos de pão, com a diferença que o pão de segunda, pior que o actual, será vendido por um preço muito superior ao da actualidade.

Não quero nem devo atribuir à República mas tam somente a determinação, conhecidos e numerosos homens públicos deste regime o estado actual de coisas, verdadeiramente monstruosas e caribalesco, no que diz respeito à carestia da vida.

Os apóstolos deste regime manqué, esses que ainda ali estão e andaram numa roda viva pelos comícios do Retor, proclamando a excelência da República sobre a crápula monárquica — como eles diziam e dizem se isto é Democracia, se isto é República, se isto é tolerável ou admissível e pode suportar-se, por mais tempo, a sangue frio e sem revolta.

Matéria prima magnífica para se fazer dele um povo de primeira grandeza, o povo português, desorientado, traído,

lançado na mais superlativa miséria moral e material a que um povo pode chegar, para tudo perder, até do próprio instinto de conservação abdicou.

Pois é preciso que não abdique por mais tempo do seu direito à vida.

Para lho dizer e fazer sentir estou aqui, nesta tribuna, no pleno exercício do meu direito, sem a mais leve preocupação pelas consequências que eu haja de sofrer por causa desta minha atitude.

Estou aqui sem ódio a pessoas mas, em grande parte pelo prestígio da república que ajudei a implantar, sem burlho nem espalhafatos.

O que pretendo?

Chamar o povo à realidade. Convencê-lo da immediata necessidade de revoltar-se, energeticamente, contra os andaciosos, de cima, que dão causa à minha revolta e ao mal geral, de todos.

Estou aqui e não estou só.

Estou como o sr. António José de Almeida e faço minhas, em parte, as suas palavras seguintes que transcrevo da *Alma Nacional*, n.º 25, que tenho à vista e foram firmados pelo punho de sua excelência.

Vejam os que, por muito menos e noutras circunstâncias muito mais suportáveis que são as da actualidade escreveu o eminente tribuno e ex-chefe do Estado no sobredito jornal e vêm a ser um récipio de mestre, num caso grave em que é mister recorrer aos mais energicos agentes de terapêutica social.

Vejam a receita do mestre.

Vejam a receita do médico.

«Há um meio de acabar ou pelo menos de atenuar este estado de exploração capitalista. É prgar a revolta no meio das vítimas, para que elas se insubordinem. O apelo aos patrões não dá resultado. Eles são avessos e duros. Para eles mais vale um dólar que a vida de um cento de operários que trabalham dum cento de fábricas e lenta mas persistentemente os estão enriquecendo. Pedir-lhes humanidade é perder tempo, sem resultado. O mais pratico é não ligar importância aos cartrascos e favorecer a revolta das vítimas.»

E o inflamado tribuno concluindo, foi mais longe do que eu pretendo e acrescentou:

«Meia dúzia de fábricas que fossem pelos ares e uma greve monstro que paralísasse o trabalho, de um momento para o outro, seria um remédio eficaz. É um remédio santo.»

Magister dixit

Disse o mestre.

E o mestre é médico, sabedor da

Qual tipo único, nem qual carapuça! Estamos fartos dessa e outras andorminas.

Para o tipo único de maus portugueses e desumanas criaturas que aviltam a Democracia e a Nação e preparam a entrega deita às ambições externas, não há outro recurso, outra defesa, outro remédio mais eficaz e oportuno que uma lição mestra e única, uma corrida única e de tal magnitude que nunca mais possam ter vontade de causar perda ou dano a quem quer que seja.

Uma lição única é que essa gente precisa e já é bem tempo de lhe dar, de tal maneira e tam exemplaríssima e enérgica que a república nunca mais possa servir-lhes de gazuza e bacarmate contra as forças produtoras da Nação e aqueles que a servem ou desejam servi-la como ela necessita, tanto quanto o povo deseja e necessita respirar e viver com mais algum desalago, o que depende apenas da sua vontade e de se resolver, finalmente, a tornar-se respeitável.

Senão não.

E, caso não, queixe-se de si próprio e de mais ninguém, peça a Deus que o leve e ao Diabo que o carregue.

José BENEDY

Os telegrafo-postais

Foi suspensa a greve passiva

Foi suspensa provisoriamente a greve passiva nos Correios e Telégrafos por o ministro do Comércio ter assumido o compromisso de atender as reclamações de classe.

O titular da pasta do comércio afirmou que amanhã requererá no parlamento urgência na discussão das bases e que entretanto mandará elaborar o decreto da actualização de categorias e vencimentos.

A suspensão da greve passiva é, como acima o dissemos, provisória. Ela renuncerá se porventura o governo e o parlamento em vez de atenderem injustificadamente a resolução do assunto.

A Comissão Central de Resistência apela para a classe a fim de que esta normalise rapidamente os serviços que se encontram alterados.

A normalização dos serviços nos telégrafos ainda ontem se não fez sentir devido às linhas se encontrarem avariadas pelo temporal.

TRABALHADORES: LÊDO A BATALHA

CRÓNICA DO PORTO

A questão das carnes

Cria-se uma comissão abastecedora de carnes para abastecer os cofres dos abastados «galifões». — A saúde pública está «veterinariamente» bem zelada.

PORTO, 11. — No «lombo» nutrido, como a nossa Câmara Municipal, enquistou-se, há meses, uma lancha Comissão de Abastecimento de Carnes. A sua espectacular criação obedecia à falência camarária dos negócios directos da alimentação carnívora da cidade e aos pruridos encobertos de um encapado monopólio da alta marçanteira... aliás representada no cenário da dita comissão.

O Porto estava quasi sempre bem carne; os preços desta eram constantemente modificados para uma, isto é, para o alto.

A comissão, mediante uma percentagem para as suas despesas, iria remediar o mal, em benefício exclusivo... do consumidor.

Os cortadores de carnes verdes, que naquele momento estavam em greve, mais por uma questão moral do que material, visto que se rebelaram contra uma tentativa de monopólio das Companhias Nacional de Talhos e Utilidade Doméstica, pelo menos — publicamente — previram que a tal... Comissão havia de se constituir num óssio duro de roer.

Fôrem, na verdade, previdentes e fatalistas de mais... Tudo quanto supozeram, tudo saiu certo.

A Comissão Abastecedora de Carnes proclamou-se ditadora.

E, girando à volta da sua ditadura, muito amadurecida de mais, deu um novo agramento no custo das carnes.

Pois que reconheceu estar a marchando em bem precárias circunstâncias, mereceu dos ingentes prejuízos... em benefício do público.

Há quem sustente, tendenciosamente, que a marchanteira nada em dinheiro. E falsissimo.

A Sociedade Portuense, Lda., conta 15 «galifões» — termo-cão por que são designados, pela classe dos cortadores, os associados de semelhantes empresas.

PORTO, 11. — A classe dos operários cortadores arrasta uma vida toda errada de dificuldades. E uma das corporações profissionais que mais sente o flagelo da miséria.

Para esta situação degradante não tem contribuído simplesmente a desmesurada ganância do industrialismo, aliada à segunda exploração do comércio.

A indústria criminosa, a covardia encarnada dos cortadores do Porto e Gaia é que os arremessou para as mais lamentáveis condições de inferioridade em relação a muitas classes operárias.

Pode dizer-se que os cortadores não estão «grizados». Tem uma seção sindical que não regista nos seus cadernos mais trinta de filiados.

Diste censurável desleixo, desta desastrosa desorganização sindical, deste estúpido alheamento dos cortadores pelos seus próprios interesses morais e materiais, maravilhosamente se tem aproveitado os patrões, os quais sem menor resistência, com a mais absoluta liberdade, praticam toda a sorte de exploração e de violência.

Foi neste estado incomparavelmente crítico, que o delegado da Federação Corticeira, vindo de Castelo Branco, os veio encontrar.

A Associação Industrial Portuguesa (seção corticeira), com sede na capital, deliberara ultimamente conceder 20% de aumento nos salários dos trabalhadores corticeiros.

E costume todos os industriais do país cumprirem as resoluções daquela colectividade patronal. Porém, os industriais do Porto e Gaia quizeram, desta feita, constituir uma excepção à regra. Aparte um patrão, que teve a gentileza de dar uma resposta à enésima seção sindical dos corticeiros, os outros, confiantes na desmoralização da classe dos seus assalariados, brilharam

sortilégios. Finalmente, um pesar torturava-lhe o coração: tinha medo, segundo o seu costume, no cinto das bragas, a foiceinha de ouro e a campainha de bronze, provenientes de Hêna e de seu pai Guilherm, bem como os delgados rolos de pele curtid, contendo as narrações de sua família. Vendo-se inevitavelmente destinado a morrer, pensava com certeza que estas devotas reliquias, bem depressa ficariam dispersas na areia ensanguentada da arena, em lugar de serem transmitidas à sua descendência, segundo a esperança de seu avô Joel, o brenn de tribu de Kaenak.

O corticeiro, que, uma vez por dia trezia a Sylvest a comida, era um soldado inválido, antigo arceiro cretense, tão falador como um gaulês, diria o bom Joel. Este corticeiro, velho habituado aos combates do circo, e endurecido naquele espectáculo, conversava sempre com Sylvest durante a comida, e isto sem má intenção, a respeito do número e ferocidade dos animais, que o seu amigo e companheiro, o bestário em chefe, vigiava.

Na véspera do espectáculo sanguinolento, disse ao escravo com uma inflexão paternal:

— Ah! meu filho, acaba de nos chegar um soberbo par de leões da África; eu logo me lembrei de ti, porque o meu bom amigo, o bestário em chefe, nunca viu animais tão ferozes. Quatro leões distante daqui, numa pousada, um desses leões depois de se ter saciado de carne, por pura malícia, fez em postas o seu guarda árabe, com o qual já de há muito estava habituado, e que confiava nele em demasia. O que não será pois amanhã, quando eles se virem privados de sustento durante um dia inteiro? Assim, meu filho, desejo que caias debaixo das garras de um destes sujeitinhos, porque então não terás que sofrer muito... Sobretudo, peca-te, porque a tua mocidade me interessa, que te lembres disso... Não imites aqueles desastrosos que, logo ao saltar das feras no anfiteatro, se deitam de bruços, e apresentam as costas em lugar do ventre... Desastrosos! a agonia deles e o seu suplicio duram cem vezes mais; tu vais saber porque: não sendo atacados logo nas partes mais delicadas do corpo, a morte é mais

lenta... quando pelo contrário, se morre mais depressa pondo-se a gente, não esqueças isto, meu filho, pondo-se a gente de joelhos em frente do leão ou do tigre, com a garganta e peito ao alcance dos seus dentes; é melhor antes ser estrangulado ou ficar com as tripas de fora logo à primeira vez...

— O conselho é bom; recorda-me-hei dele... — Mas lembra-te, meu filho, que ajoelhar assim, em frente da fera, não convém senão no encontro dos tigres ou dos leões... Se se trata de um elefante, a manobra é contrária.

— Também haveria elefantes nesta função romana? Não julgava que houvesse em Orange desses animais.

— Os édis, querendo tornar o espectáculo de amanhã sem igual na Gallia romana, fizeram para isso grandes despesas; compraram o elefante de combate do circo de Nimes; dizem que é feroz; e chegou há muitos dias. Por Jupiter! ainda não é tudo, porque os nossos veneráveis édis fazem as coisas imperialmente; também haverá um combate extraordinário, que não vi senão duas vezes em minha vida, uma em Roma, e outra em Alexandria, no Egipto.

— E esse combate extraordinário, qual é ele? — Antes de te falar disso, meu filho, deixa-me ensinar-te um excelente preceito. Em quanto ao elefante, se o vês vir furioso direito a ti, procura fugir-lhe da tromba, põe-te de bruços, introduz-te por baixo dele, e agarra-te a uma das suas pernas... imediatamente pisar-te-há para se desembaraçar de ti; ora, dentro em um instante te quebrará os ossos, e achatar-te-há do mesmo modo que tu esmagarias um caracol debaixo do teu sapato...

— Procurarei dirigir-me de preferência aos elefantes; com eles há mais probabilidade de morrer depressa.

— Certamente! mas é preciso teres o desembaraço necessário para seres um dos primeiros que fiques ao seu alcance; ele há de ser muito procurado, e logo à sua aparição na arena verás todos os escravos condenados às l.r.s. correrem perra ele.

— E o combate extraordinário de que me fala oferecerá uma probabilidade de morte mais pronta?

— Não, não por Hercules, não desejo que afrontes esses monstros animais de que te vou falar, os crocodilos. Vi em Roma três escravos ficarem em um instante com as pernas e os braços tão bem cortados pelos dentes de serra do crocodilo, como se fôra um machado que tivesse feito semelhante obra...

— Essa festa romana será completa... Ursos, tigres, leões, elefantes e monstros marinhos... Mas haverá bastantes escravos para regalo de tantos hóspedes?

— Sem contar com os que os seus senhores não de oferecer sem dúvida, generosamente, daqui até amanhã, para o espectáculo, são já perto de oitenta... creio que é suficiente.

— Sim, já tem bastante com que se divertir... Mas esse crocodilo poderá combater na areia do anfiteatro?

— Não; fizeram-lhe uma espécie de tanque no meio do circo, à flor da terra; de sorte que os escravos fugindo das feras, não poderão deixar de cair nele. Este tanque terá cem passos de circunferência e dois covados de profundidade. O crocodilo veio de Roma, por mar, numa galera fretada de propósito para ele.

— Do mesmo modo como se fôra um pró-consul ou algum rico e nobre senhor!

— Sim, meu filho. E olha, o que me faz interessar ainda mais por ti é a firmeza de ânimo que mostras... De que terra és tu?

— Nasci na Gallia breta!

— Pelo valente deus Marte! eram bem fortes espadas esses bretões... Conheço os demais: o braço que me falta, perdi-o de um golpe de machado à vista de César, do grande César! na batalha de Vannes... Terrível combate, em que o generalíssimo esteve a ponto de ficar prisioneiro.

— Sim, meu pai levava-o armado de ponto em branco em cima do cavalo...

— Tu dizes a verdade; eu estava ali quando os cavaleiros numidas chegaram em socorro de César, a quem

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

LISBOA NA RUA

A BATALHA

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

COIMBRA

O operariado e a carestia da vida

Justificando uma atitude

Do governo civil, calabouço n.º 7, escreve-nos o operário pintor da construção civil, Henrique Inácio de Mesquita, para nos contar o seguinte:

Como se encontrasse sem trabalho, aceitei o oferecimento que lhe fez Júlio Ferreira, morador na rua Saraiva de Carvalho, para trabalhar numa obra com o salário de 20\$00. Passados quatro dias, Júlio Ferreira propôs-lhe sociedade no trabalho, o que aceitei, tendo-lhe dito que ajustara a obra por 1.400\$00. Dias depois, precisando de dinheiro, dirigiu-se a Júlio Ferreira para lhe passar um recibo de 150\$00; indo ao patrão com o recibo, este negou-se a pagar, vindo então a saber que a obra fora feita por 300\$00.

Henrique Mesquita, encontrando-se com o Júlio, fez-lhe ver que o tinha ludibriado e por isso desistia do trabalho exigindo-lhe de indemnização 10 dias de salário, o que o Júlio se negou a satisfazer, ameaçando-o ainda. Tendo no mesmo dia novo encontro e como Júlio Ferreira fizesse um gesto de ameaça, Henrique Mesquita enervou-se e disparou-lhe dois tiros, tendo aquele sido atingido com um só.

Assim aconteceu, não sabendo nós como o sr. Coelho e outros podem vender mais em conta 600 — e até 800 — o que os outros, os «apadrinhados» pela Comissão, não o podem fazer.

Mas como tudo isto não seja o bastante; mas como, afinal, tudo tem sido escandalosamente de prego — oh! as festas! — a nossa raizosa Comissão de Abastecimento de Carnes, resolveu, com toda a sua ditatorial acatenação, aumentar mais uma vez ao custo da carne...

para que o público pobre se veja totalmente impossibilitado de roer carne, também, e esta impossibilidade de morrer enfiado...

A razão é simples: No matadouro municipal há três veterinários, além de não sabemos quantos ajudantes. Apesar disso, douto pessoal e talvez devido a fêre muitos afazeres particulares, a inspecção do gado é feita por um magarele — salvo erro ou omissão.

Assim sendo, tem acontecido que carne dada, pelos veterinários municipais, como própria para consumo, e depois, nos estabelecimentos, rejeitada por outros veterinários particulares...

E a que escapa à análise proficiente? A bolsa e a saúde pública estão em muito má conta...

Isto vai tudo num sino... da inteligência Comissão...

Anda Zé, paga e não bufes... E ele já assim procede... O parvalho.

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO — das melhores marcas —

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, oumbo, ferro, tipo solda e zinco. R. Nova do Carvalho, 13, junto ao arco pequeno.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única propriedade acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (custado com as faísquas)

Venda nos centros e nos milhiteiros, assim como isqueiros, rodadas, tubos, pipos e tambores, nos melhores preços para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

rio mais um fassalho de pão na mesa da sua própria alimentação e dos seus.

Só quando transformarem a sua seção associativa num sindicato forte, imediatamente amparado; só quando todos dentro dele praticarem os princípios da solidariedade, saindo dessa estúpida indolência em que se rebaxam e estudando as origens da sua escravidão horripilante — é que poderão alcançar um melhor futuro, uma vida mais desafiadora e mais humana...

Do contrário, continuarão os industriais a abusar da sua humilhação «ras-teiras», como agora fazem...

«Seremos ouvidos? Será ouvido o delegado da Federação dos Operários Corticeiros? Grande coisa seria...

— E o combate extraordinário de que me fala oferecerá uma probabilidade de morte mais pronta?

— Não, não por Hercules, não desejo que afrontes esses monstros animais de que te vou falar, os crocodilos. Vi em Roma três escravos ficarem em um instante com as pernas e os braços tão bem cortados pelos dentes de serra do crocodilo, como se fôra um machado que tivesse feito semelhante obra...

— Essa festa romana será completa... Ursos, tigres, leões, elefantes e monstros marinhos... Mas haverá bastantes escravos para regalo de tantos hóspedes?

— Sem contar com os que os seus senhores não de oferecer sem dúvida, generosamente, daqui até amanhã, para o espectáculo, são já perto de oitenta... creio que é suficiente.

— Sim, já tem bastante com que se divertir... Mas esse crocodilo poderá combater na areia do anfiteatro?

— Não; fizeram-lhe uma espécie de tanque no meio do circo, à flor da terra; de sorte que os escravos fugindo das feras, não poderão deixar de cair nele. Este tanque terá cem passos de circunferência e dois covados de profundidade. O crocodilo veio de Roma, por mar, numa galera fretada de propósito para ele.

— Do mesmo modo como se fôra um pró-consul ou algum rico e nobre senhor!

— Sim, meu filho. E olha, o que me faz interessar ainda mais por ti é a firmeza de ânimo que mostras... De que terra és tu?

— Nasci na Gallia breta!

— Pelo valente deus Marte! eram bem fortes espadas esses bretões... Conheço os demais: o braço que me falta, perdi-o de um golpe de machado à vista de César, do grande César! na batalha de Vannes... Terrível combate, em que o generalíssimo esteve a ponto de ficar prisioneiro.

— Sim, meu pai levava-o armado de ponto em branco em cima do cavalo...

— Tu dizes a verdade; eu estava ali quando os cavaleiros numidas chegaram em socorro de César, a quem

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo Ramiro Gonçalves, residente na travessa do Balar-te, 23, 1.º, que na fábrica de serração de Francisco Simões Peixinho, no mercado do Pinho, em Alcântara, foi colhido por uma serra, ficando com um dedo da mão direita decepado, o qual lhe foi amputado.

— Na enfermaria de Santo Onofre do mesmo hospital deu entrada José Marques Paixão, corticeiro, residente no Largo da Lage, pálio do Tenente aos Olivais, que na fábrica da Matilha foi colhido por um fardo de cortiça, ficando contuso nas costas.

— Na enfermaria de Santo Alberto deu entrada Joaquim Mendes, carroceiro, natural de Arona, residente na travessa lha do Grilo, 2.º loja, que na rua da Manutenção do Estado deu uma queda da carroça que guiava, fracturando o braço esquerdo.

— Na sala de observações do banco do hospital de S. José deu entrada Salvador Joaquim Gregório, jornalista, natural do Sobral de Mont'Agrado, residente na quinta do Jacome, aos Olivais, que ali foi colhido pelo varal da carroça de que era condutor, ficando contuso no corpo.

Agressão

Ontem de madrugada, na rua Latino Coelho, após uma discussão com um indivíduo cujo nome se ignora, foi agredido com uma facada no peito, José Nicolau Miranda, de 25 anos, residente na Avenida Luís Bivar, A. N., o qual foi transportado ao hospital de Santa Maria onde recebeu curativo, recolhendo depois em estado satisfatório à enfermaria C. 2 A. B. do mesmo hospital.

Colhido mortalmente pelo comboio

Ontem de manhã, na estação de Santa Apolónia, uma máquina que recolhia ao depósito colheu, no momento em que atravessava a linha, o descarregador dos Caminhos de Ferro João do Patrocínio, de 25 anos, filho de José Patrocínio e de Antónia da Cruz, solteiro, natural de São Vicente da Beira e residente na Costa do Castelo, 134, 1.º, o qual ficou gravemente contuso no corpo e com a perna direita decepada. Socorrido pelos companheiros foi imediatamente transportado ao hospital de S. José, recolhendo depois do devido tratamento e em estado desesperado à sala de observações, onde faleceu cerca das 16 horas. A perna do infeliz guardou no local a chegada do sub-delegado de saúde, sendo mais tarde removida para o Instituto de Medicina Legal.

Doença súbita

Ontem de madrugada foi conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, por ter sido acometido de doença súbita, o coronel médico dr. sr. Lino Ferreira, de 53 anos, residente na Estrada de Benfica, 404, e qual faleceu na sala de observações do banco, momentos depois de entrar.

Crianças queimadas

Na calçada das Necessidades, 40, cave, reside o guarda cívico n.º 306, Serafim Martins, sua mulher Virginia da Conceição e seus filhos Arminda, de 13 anos, Fernando, de 9, e Maria, de 3. Esta noite Virginia foi ter com o marido à cantina do governo civil onde ele presta serviço, ficando as crianças sós em casa.

Nessa ocasião a Virginia foi encher um candeeiro com petróleo cujo líquido se derramou e ao qual um dos pequenos lampou fogo, resultando as três crianças ficarem muito queimadas, no rosto, braços e peito. Receberam os primeiros curativos no Hospital Militar da Estrela, de onde a Arminda seguiu para casa, recolhendo o Fernando à enfermaria de São Francisco do Hospital infantil do Hospital da Estrela. O estado das crianças é grave.

LIMAS

As melhores são as da União. Põe-se a trabalhar. Vende-se a toda a hora. Vende-se a toda a hora. Vende-se a toda a hora.

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

para com as melhores ligaduras.

uma espécie de gigante gaulês levava em cima de cavalo...

— O único da minha família que sobreviveu à batalha de Vannes... Mas, replicou Sylvest, com receio que o romano julgasse que ele queria enterrecê-lo falando-lhe da bravura gaula, não falávamos do crocodilo chegado de Roma na sua galera, como se fôra um pró-consul ou um nobre e rico senhor! Onde o desembarcaram?

— Em Narbonna, e de Narbonna para aqui veio numa imensa tina cheia de água, puxada por vinte juntas de bois... Esta manhã deram aquele monstro uma vitela viva... Ah! meu filho, esmagou-lhe os ossos tão facilmente como um gato esmaga um rato.

— Os escravos que lhe forem destinados poderão, segundo penso, atogar-se antes de serem devorados...

— Não, não poderão atogar-se... já preveniram isso mesmo... O tanque do circo será cheio de limo até à altura de um covado, e depois com uma pouca de água por cima, de modo que os escravos ficarão com os ombros e a cabeça de fora... Enquanto à maneira de ir ao encontro do crocodilo, meu filho, não posso aconselhar-te coisa alguma, porque não tenho experiência disso... De resto, como os escravos não são entregues às feras senão no fim... esperarás a tua vez, assistindo a um dos mais famosos combates de gladiadores que se tem visto: serão oito pares a cavalo e vinte cinco pares a pé... Diz-se até, mais isso ainda não é certo, que, segundo a nova moda de Roma, muitas das novas grandes damas combaterão umas contra as outras. Teremos, portanto, gladiadoras.

— Mulheres? matronas?

Certamente, e das mais nobres; o guarda que trouxe o crocodilo de Itália, dizia-nos há pouco ter visto no circo de Roma, esposas de senadores e de cavaleiros combaterem umas contra as outras, ou contra mulheres escravas desarmadas, bem entendido... Não se armam os escravos senão para que combatam uns contra os outros, até morrerem, e do mesmo modo gladiadores de profissão, tais como o célebre Monte-Libano, dêse

mir um instante... Voltaremos ao assunto em ocasião oportuna e depois de obtermos outras informações... — C.

Tires

A «moderna» pedagogia...

TIRES, 11. — C. — Como já informamos, não é o que seria preciso, isto é, de uma factoria vários: por que se não esqueçam coisas que ainda valem e se não procura trabalhar?

Este estado de coisas não pode continuar, urge que se faça um levantamento, para bem de nós todos e da organização.

Al flica, pois, o alvitre. — C.

Um grupo dramático operário

Está enfim organizado o Grupo Dramático Solidariedade da Construção Civil de Tires, que se propõe prestar dentro do seu âmbito toda a solidariedade à classe operária, devendo fazer a sua inauguração no dia 2 de Março próximo, com o drama «O Escravo» e a comédia «Os dois estroizos», além de um acto de variedades.

O produto da receita destina-se a auxiliar o desenvolvimento do Grupo.

A Vulcanisadora

Domingues & Lisboa, Lda

Avenida da Liberdade

217-A e 217-B

Reparação em protectores e câmaras de ar para automóveis e : : : motos : : :

CHUMBO

compra-se e muitos outros artigos metálicos. — ALBUINO LAMEIRO, T. dos Mestres, 25 (ao Conde Barão). — Telefone 974 C.

